

## **Margaridas: Performances Folkcomunicacionais promotoras de Espiritualidade na Marcha das Margaridas**

*Giselle Souza<sup>1</sup>  
Fernanda Lemos<sup>2</sup>*

**Submetido em: 24/10/2023**

**Aceito em: 18/11/2023**

### RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a relação entre a performance folkcomunicacional e a espiritualidade na sétima edição da Marcha das Margaridas que aconteceu nos dias 15 e 16 de Agosto de 2023. O movimento social da Marcha acontece em homenagem a Margarida Maria Alves, que foi uma líder sindical assassinada em Alagoa Grande- PB, no brejo paraibano. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo na perspectiva da Folkcomunicação religiosa e a sua estreita relação com os movimentos sociais, na qual foram utilizados análise documental e entrevista semiestruturada. Como resultado foi possível ampliar as discussões em torno da folkcomunicação e a religião presentes na sétima edição da Marcha das Margaridas.

### PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Religião; Folkcomunicação; Política.

## **Daisies: Folkcommunicational Performances promoting Spirituality in the March of the Daisies**

### ABSTRACT

The aim of this article is to understand the relationship between folkcommunicational performance and spirituality in the seventh edition of the March of the Daisies, which took place on August 15 and 16, 2023. The social movement of the March takes place in honor of

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - UFRPE, Especialização em Comunicação Social pela PUC-SP e Doutoranda em Ciências das Religiões -UFPB.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB, Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL da Universidade Metodista.

Margarida Maria Alves, who was a union leader murdered in Alagoa Grande, in the Paraíba swamp. In methodological terms, this is a study from the perspective of Folk Religious Communication and its close relationship with social movements, in which document analysis and semi-structured interviews were used. As a result, it was possible to broaden the discussions around folkcommunication and religion present in the seventh edition of the March of the Daisies.

#### KEY-WORDS

Gender; Religion; Folkcommunication; Politics.

## **Margaritas: Espectáculos folclóricos que promueven la espiritualidad en la Marcha de las Margaritas**

#### RESUMEN

El objetivo de este artículo es comprender la relación entre la performance folclórica y la espiritualidad en la séptima edición de la Marcha de las Margaritas, que tuvo lugar los días 15 y 16 de agosto de 2023. El movimiento social de la Marcha se realiza en honor a Margarida Maria Alves, quien fue dirigente sindical asesinada en Alagoa Grande, en la ciénaga de Paraíba. En términos metodológicos, se trata de un estudio desde la perspectiva de la Comunicación Popular Religiosa y su estrecha relación con los movimientos sociales, en el que se utilizó el análisis documental y las entrevistas semiestructuradas. Como resultado, fue posible ampliar las discusiones en torno a la comunicación popular y la religión presentes en la séptima edición de la Marcha de las Margaritas. Giselle Souza

#### PALABRAS-CLAVE

Género; Religión; Comunicación popular; Política.

#### Introdução

Há 40 anos mataram Margarida Maria Alves. Cortaram a energia elétrica de todo o município de Alagoa Grande, no Estado da Paraíba, por volta das dezoito e trinta horas, entraram na casa de Margarida e a executaram. A mando de latifundiários da região, o crime aconteceu em 12 de Agosto de 1983. Por doze anos à frente do sindicato, Margarida lutou pelo fim da violência no campo, por direitos trabalhistas e pela dignidade humana, mas os criminosos continuam impunes.

Ela estava lá com seu único filho de oito anos, José de Arimatéia, e seu marido, Severino. Era o início de uma noite que ficaria registrado na história como o silenciamento de uma das vozes mais potentes da liderança sindical e da pastoral da terra do brejo paraibano na época da ditadura militar. No entanto, aquela data que para os criminosos representaria o fim, foi apenas o começo de uma longa história de lutas e resistências. Naquele dia, nasceram milhares de margaridas no Brasil e no mundo.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa esteve na pretensão de analisar as performances folkcomunicacionais e espiritualidade na sétima edição da Marcha das Margaridas, que são promotoras de Políticas Públicas para as mulheres, no âmbito social, político e espiritual, mediante resultados iniciais obtidos. Especificamente, o estudo se volta para identificar a espiritualidade na sétima edição da Marcha das Margaridas a partir das vivências e experiências místicas das mulheres de contexto popular e dos grupos marginalizados segundo a teoria da Folkcomunicação.

É válido ressaltar, por conseguinte como pontua (TAUK SANTOS, 2009), que os contextos populares devem ser compreendidos como cenários onde predominam populações que vivem em condições de desigualdades do ponto de vista social, político e econômico. Sendo assim, uma característica que necessita ser evidenciada é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta e desigual.

Neste sentido, este estudo dará protagonismo às mulheres agricultoras rurais, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, mulheres da cidade, do campo, mulheres trans, cis, hetero, evangélicas, católicas, espíritas, enfim, aquelas que são evidenciadas para atender os interesses da sociedade e da mídia apenas nas datas comemorativas das suas bandeiras políticas, no entanto a Marcha das Margaridas (MM) é contínua e cotidiana dentro dos contextos populares.

As Margaridas, são sujeitos sociológicos que defendem a premissa dos diversos aspectos das políticas públicas para as mulheres, onde o sujeito não é algo individual e temporal, apenas a cada quatro anos, nas Marchas das Margaridas, mas cotidianamente necessita uma da outra em todo tempo para o bem viver.

Na Marcha das Margaridas, o sujeito é percebido entre duas dimensões: interior e exterior, segundo (HALL, 2005), a identidade do sujeito é formada na interação entre o eu e a sociedade, entre a espiritualidade que traz com sua história de vida e o público, nas suas

realidades marcadas por lutas e na grandiosidade da Marcha das Margaridas (MM) na Esplanada do Ministério. A linha é tênue entre a realidade da espiritualidade de cada mulher e as performances em uma mesma caminhada.

Trilhando este caminho, a pesquisa se propõe a analisar as performances folkcomunicacionais e a espiritualidade presentes na sétima edição da Marcha das Margaridas (MM), espaço de luta utilizada por grupos marginalizados de mulheres como forma de serem ouvidas e aclamadas no país e pelo mundo.

Em termos metodológicos, foram entrevistadas quatro líderes religiosas, com idades de 30 a 60 anos, todas mulheres. Utilizamos o roteiro de entrevista semiestruturado para evidenciar os aspectos de espiritualidade, performances folkcomunicacionais e identidade presentes na Marcha das Margaridas, como também a análise documental.

Portanto, como diria Margarida Alves nos seus discursos nos sindicatos, “medo nós tem, mas nós não usa”. Logo, esse artigo é uma parcela de contribuição científica que pode propiciar futuras pesquisas para estudantes de Ciências das Religiões, Comunicação e Gênero sobre a estreita relação entre Comunicação e Religião no movimento social da Marcha das Margaridas.

## Margarida Maria Alves

Paraibana da cidade de Alagoa Grande, contribuiu para o desenvolvimento das condições dos trabalhadores da região, fortalecendo a agricultura familiar. Lutou pela defesa dos direitos dos trabalhadores rurais, suas principais metas eram o registro em carteira de trabalho, a jornada diária de trabalho de oito horas, 13 salário, férias e demais direitos, para que as condições de trabalho no campo pudessem ser equiparadas ao modelo urbano.

Em seus doze anos de gestão, o Sindicato moveu mais de 600 ações trabalhistas e fez diversas denúncias, como a endereçada diretamente ao Presidente do Brasil, em 1982, João Batista Figueiredo. Por causa do surgimento do Plano Nacional de Reforma Agrária, a violência no campo foi intensificada por parte dos latifundiários, que não queriam perder suas terras, mesmo as improdutivas.

A partir deste momento, o trabalho de Margarida, na defesa dos direitos dos trabalhadores, entrou em conflito com os interesses dos latifundiários, tornando-a uma ameaça

para os mesmos. Em seu discurso na comemoração do Primeiro de Maio de 1983, na cidade de Sapé, na Paraíba, Margarida Alves deixou isto bem claro: “Eles (referindo-se aos latifundiários) não querem que vocês venham à sede porque eles estão com medo, estão com medo da nossa organização, estão com medo da nossa união, porque eles sabem que podem cair oito ou dez pessoas, mas jamais cairão todos diante da luta por aquilo que é de direito devido ao trabalhador rural, que vive marginalizado debaixo dos pés deles.”

A primeira mulher a ser Presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STTR) no Brasil. É bem verdade, que enterraram Margarida, só não perceberam que ela era semente e nasceram milhares de Margaridas por todo Brasil. Semente, metáfora do nascer, da colheita. Aludindo a uma memória de luta e sofrimento, mas também a imagens de santas e lutadoras, as Margaridas marcham desde os anos 2000, querendo um futuro melhor, como canta (ERNANDES FERNANDES, 2012), dizendo assim:

Elas marcham,  
cheias de esperança  
Ao mundo se lançam  
E querem um futuro melhor...

São bromélias, são margaridas,  
Santas Marias de todo o Brasil

Vão buscando respeito,  
Igualdades,  
Direitos  
Garantindo um papel social  
Vem dos campos plantados  
Trazendo às cidades  
As sementes de um novo ideal

Porque são!

Trabalhadoras rurais  
Que alimentam a nação  
Tragam consigo a certeza  
Que no campo e cidade  
Somos todos irmãos! (FERNANDES, 2012)

Fazendo um paralelo com as temáticas da opressão, morte, liberdade de Simone de Beauvoir, mediante (LEMOS, 2023) o contexto em que vivera da Segunda Guerra Mundial e a ocupação nazista na França podem contribuir para o entendimento da opressão, da morte e da liberdade que eram comuns devido o estado de guerra e que também era vivenciado por Margarida Maria Alves, visto que três meses e onze dias antes de morrer, ela fez um discurso no Município de Sapé, na Paraíba, ressaltando a seguinte fala, segundo a Fundação Margarida Alves,

eu quero pedir a vocês que quando voltarem para casa, lembrem-se e rezem por aqueles que tombaram na luta ,e rezem também por aqueles que estão lutando na frente da batalha, por aqueles que estão enfrentando as ameaças dos poderosos...

Indica o autor (ROCHA, 1996) ressaltando a relação da crença com a luta política evidenciado por Margarida na sua fala acima citada. Na perspectiva beauvoiriana, ainda a título de indicação (LEMOS, 2023), o ser humano nasce incompleto, pois far-se-á no decorrer de sua existência, ou seja, as influências sociais, políticas e culturais. A fala de Margarida Alves, no sindicato ratifica a teoria nesta perspectiva, quando ela diz:

trabalhadores: não vamos temer nada, a não ser a Deus. Vamos lutar porque , unidos, teremos forças para derrubar a prepotência e os poderosos da Paraíba, que não podem ficar eternamente de cima, mandando e massacrando o pobre, prejudicando e usurpando aquilo que é nosso direito (ROCHA,1996, p.46)

Passemos a analisar as matérias de jornais da época:

Figura 1: Jornal A União e jornal O Norte



Fonte: Registro fotográfico dos Documentos expostos no Museu Margarida Maria Alves

Como podemos observar, existe um esforço por parte dos jornais e enfatizar as falas da Igreja Católica, com as falas dos bispos D.Marcelo Carvalheira, que dizia que “fazendeiros lutam com armas desumanas e brutais” (figura 1 - direita) e Dom José que afirma em Alagoa Grande que “uma causa não se pode matar com balas” (figura 1- esquerda) , é um exercício de escrita que ao longo de seus discursos vai tecendo uma narrativa para a legitimação da valorização e protagonismo da mulher e o poder cruel dos latifundiários que permanecem impunes até os dias atuais. No enterro de Margarida e nas missas que sucederam sua morte, entendem-se pelos relatos das entrevistadas que em tais espaços, o vínculo entre as autoridades eclesiais e a palavra é forte o suficiente para carregar em si um caráter sagrado.

Encerrado o ato público com o líder do PT (Partido dos Trabalhadores) na Câmara dos Deputados, Airton Soares, cerca de cinco mil pessoas lotaram o pátio da Igreja Católica de Alagoa Grande para assistir a missa concelebrada pelo Arcebispo de João Pessoa, Dom José Maria Pires, o bispo de Campina Grande, Dom Luiz Fernandes e o bispo de Guarabira Dom Marcelo Carvalheira, conforme relato do jornal O NORTE (figura 2) , para Juana Elbin dos Santos;

[...] Se a palavra adquire tal poder de ação, é porque ela está impregnada de asé, é a palavra soprada, vivida, acompanhada das modulações, da carga emocional, da história pessoal e do poder daquele que a profere [...] (SANTOS, 2002, p. 46).

Figura 2: Jornal O Norte



Fonte: Registro fotográfico dos Documentos expostos no Museu Margarida Maria Alves

A matéria da figura 2 relata que na Missa de Sétimo dia, estavam presentes o Secretário de Comunicação Social da Paraíba, Luis Augusto Crispim, representando o governador do Estado na época, o Wilson Braga, além dos líderes governamentais, foram os celebrantes da missa, o padre Máximo Ferrio, da Diocese de Alda, na Itália e o padre Louis Percarmona, da Diocese de Guarabira.

Na homilia, o padre Máximo Ferrio, leu um texto de Margarida pronunciado no dia primeiro de maio de 1983, em Sapé- PB, onde ela conclamava “os trabalhadores não devem cruzar os braços porque nós não tememos e vamos lutar até o fim. Porque é melhor lutar do que morrer de fome”. No final da homilia, o padre italiano, ressaltou que “a justiça de Deus falará mais alto do que as armas dos opressores”. A experiência de transformar e ser transformado põe a performance folkcomunicação religiosa, lado a lado com a espiritualidade, que tem a sua culminância nas edições das Marchas das Margaridas.

## Marcha das Margaridas

Pode-se compreender que, segundo a teoria beltraniana, existem três tipos de grupos culturalmente marginalizados que se distinguem pela sua maior frequência em ações comunicacionais, estes são: o messiânico, o político-ativista e o erótico-pornográfico.

A Marcha das Margaridas está no grupo político-ativista religioso, é aquilo que consideramos a folkcomunicação religiosa, visto que são processos que as pessoas criam e estabelecem, como sugere (AVELINO, 2007) para se comunicar, para transmitir seus valores, sua espiritualidade, suas referências, seus sentimentos e seus conhecimentos.

Os grupos marginalizados reelaboram a sociedade e suas relações apresentando uma visão própria a sua gente, diferente e às vezes questionadora da visão “dominante” e institucionalizada. (SCHIMDT, 2006, p. 09)

É válido ratificar que a Marcha das Margaridas (MM) foi inspirada na Marcha Pão e Rosas, realizada no Québec, Canadá, quando as mulheres marcharam em crítica contundente ao sistema capitalista, tendo conquistado algumas reivindicações como o aumento do salário-mínimo. Mediante (SOBREIRA, 2022), os momentos de diálogo e trocas de experiências no Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre-RS em 1999 alavancaram a realização da primeira edição da Marcha. Nesse sentido, a emergente Marcha das Margaridas se conectava ao cenário internacional de lutas por meio de inspirações e conexões com a Marcha Mundial de Mulheres, por exemplo, também criada em 2000.

Por definição (SOBREIRA, 2022), a Marcha das Margaridas (MM) é uma ampla ação de mulheres rurais que aglutina uma diversidade de experiências de resistência nos diferentes territórios.

Cantos a Margarida, são cantados até hoje, muitas vezes evocando sua fé, sua inspiração e semente. Aludindo a uma memória de luta e sofrimento, mas também a imagens de santas e lutadoras, as Margaridas marcham desde os anos 2000, querendo um futuro melhor, como canta (ERNANDES FERNANDES, 2012) na canção acima.

Surgida em um cenário enrijecido às causas sociais, a Marcha das Margaridas emergiu na aurora dos anos 2000 denunciando o caráter excludente do neoliberalismo e as

desigualdades sociais do contexto popular. A folkcomunicação vem a nortear os estudos das comunicações populares no Brasil, dentro das pesquisas de Luiz Beltrão, nos anos de 1980, a teoria veio no sentido de dar vez aos grupos marginalizados, sendo assim, as constatações de (TRIGUEIRO, 2008) indica que desse modo o grupo de excluídos possuem características similares e diferentes, de acordo com o seu território ou classe que pertencem.

Importante destacar que na busca por um protagonismo, autonomia e empoderamento das mulheres, a Marcha de 2011 adquiriu pela rede de relações externas envolvendo parcerias, patrocinadores na economia privada, sociedade civil e o próprio Estado, o que “lhe imprime um caráter específico como movimento, ao se configurar como um campo político de atuação híbrido, que congrega atores com formatos institucionais e ações bastante variadas” (AGUIAR, 2015, p. 210).

São múltiplos os fatores que convergem para a resistência e o fortalecimento da Marcha das Margaridas a cada edição, no entanto a presença das organizações é imprescindível pois fortalece o movimento, e conforme (LEMOS,2023), não é possível ser livre enquanto movimento social, individualmente, pois a liberdade exige uma dimensão coletiva, sendo assim atuaram como parceiras desde a Marcha 2011 as seguintes organizações: Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS); Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE); Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia (MAMA); Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB); Marcha Mundial das Mulheres (MMM); União Brasileira de Mulheres (UBM); Central Única dos Trabalhadores (CUT); Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB); Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe (Rede LAC); Confederação de Organizações de Produtores Familiares Camponeses e Indígenas do Mercosul Ampliado (COPROFAM).

A Marcha das Margaridas (MM) traz elementos ligados a questões sociais e políticas, mas também revela esse traço de sujeitos sociais que se organizam em torno da fé e da espiritualidade, (MORIN, 1969) diz que o ato do conhecimento é, ao mesmo tempo, biológico, espiritual, cultural e histórico. É neste misto entre mundo, cultura e sociedade que não pode ser dissociado da experiência mística.

Portanto, elaboramos um quadro para apresentar um histórico das Marchas das Margaridas e entendermos a participação desses grupos no contexto popular da Marcha.

**Quadro1: Síntese das Edições das Marchas das Margaridas (MM)**

<b>Ano da Marcha</b>	<b>Lema</b>	<b>Mulheres participantes</b>
2000	2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista	20 mil mulheres trabalhadoras rurais
2003	2003 razões para marchar por terra, água, salário, saúde e contra a violência	50 mil mulheres trabalhadoras rurais
2007	2007 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista	70 mil mulheres trabalhadoras rurais
2011	2011 razões para marchar por desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e Liberdade	100 mil mulheres do Campo e da Floresta
2015	Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável, com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade.	100 mil Mulheres do Campo da Floresta e das Águas
2019	Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência.	120 mil Mulheres do Campo, da Floresta e das Águas
2023	Pela reconstrução do Brasil e pelo bem viver	150 mil Mulheres do Campo, da Floresta e das Águas (Margaridas)

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

Segundo assertivas de (CLAUDIA FERREIRA SILVA, 2014), para além de uma ação, a Marcha das Margaridas (MM) reúne aspectos que tornam possível identificá-la como um movimento social e que propicia um guarda-chuva aglutinador de experiências fundantes de um feminismo rural com pés na história das mulheres, assim como um movimento da experiência mística das “margaridas” que levam para a Marcha, suas histórias, bandeiras e causas sociais e políticas.

Torna-se relevante assinalar (SARA PIMENTA, 2013) quando pontua que as respectivas marchas de 2003, 2007 e 2011 se deram já em contextos políticos mais favoráveis ao diálogo entre movimentos sociais e governo federal se comparadas com a marcha pioneira. De acordo com a autora: Isso se comprova pela crescente participação das mulheres conforme observado no quadro acima, mas também nos âmbitos do executivo e legislativo e, de forma mais permanente, na esfera pública, em conselhos, comitês, conferências e fóruns, expressando a forte articulação entre democracia participativa e o exercício da cidadania política e social (PIMENTA, 2013, p. 165).

Observa-se também, no quadro acima demonstrado, que desde a Marcha de 2015, as “Margaridas” se autodenominam mulheres do Campo, das Águas e das Florestas, nomenclatura relacionada diretamente aos diversos lugares que compõem o chamado Brasil rural. É a partir das comunidades, que elas elaboram uma pauta de denúncias sobre a realidade onde vivem, de reivindicações e de proposições de políticas públicas para transformar tal realidade marcada por desigualdades.

### **Figura 3: cartaz da sétima Marcha das Margaridas**

**43** | Margaridas: Performances Folkcomunicacionais promotoras de Espiritualidade na Marcha das



Fonte: site da Fundação Margarida Alves

Em 2023, na sétima edição da Marcha das Margaridas, as conquistas continuam acontecendo, com luta e resistências, tais como foram anunciadas pelo atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva: titulação da terra no nome do homem e da mulher; disponibilização de 90 mil quintais produtivos; liberação de 25 milhões para assistência técnica voltada a agroecologia, sendo que metade deste valor é destinado para as mulheres; programa emergencial de reforma agrária, para 7.200 famílias, sendo 1.500 para Crédito Fundiário; regularização fundiária de 40 mil famílias no país; 300 milhões para crédito de instalação das propriedades da reforma agrária; criação de grupo de trabalho da juventude para discutir a sucessão rural; liberação de 100 milhões para compra de leite via Conab (Companhia Nacional de Abastecimento).

Evidenciamos que a sétima Marcha das Margaridas, e tudo o que acontece em torno dessa Marcha, constituem-se em potente objeto que comporta muitas análises num cenário com múltiplas dimensões de vivências e contextos. A Marcha ainda revela elementos de memória, da história da luta e da vida de Margarida Maria Alves, da história da luta pela terra, pela sobrevivência e pela defesa de direitos.

Pela dimensão e exigência de profundidade no material coletado para esse artigo, este sugere outras dimensões de publicações. Incluindo nesses achados, o material fotográfico que vão além do que esse texto pode traduzir.

## Performances Folkcomunicacionais e Espiritualidade da Marcha das Margaridas

Sabe-se que a teoria da Folkcomunicação tem na sua origem uma estreita relação com os movimentos sociais, uma vez que se dedica a observar os processos comunicacionais no interior dos grupos subalternizados – caracterizados por Luiz Beltrão (1960), como grupos rurais, urbanos ou culturalmente marginalizados. Segundo (CORNIANI, 2005) a marginalização entendida pela ótica folkcomunicacional ela abrange três tipos de grupos: os grupos urbanos (geralmente nos locais periféricos das cidades), os rurais (naturalmente marginalizados por estarem longe dos centros de poder) e os culturalmente marginalizados não são inertes à midiaticização convencional, mas sim tendo suas formas próprias de mídia, ou seja, de comunicação massiva, mesmo esse grupo não fazendo parte dos economicamente marginalizados.

Sendo assim, compreender a folkcomunicação religiosa é entender o encontro das diferentes performances folkcomunicacionais e a Espiritualidade das mulheres da Marcha das Margaridas, são, portanto, da intercessão desses três grupos, pois, o quadro anterior revela a presença de mulheres rurais, urbanas e também aquelas que são culturalmente marginalizadas.

A expressão performance folkcomunicacional revela, neste caso, como qualquer expressão, marca ou identidade que visa passar uma mensagem, o autor para permanecer digno ao seu pensamento, diz que (SOUZA, 2017), é um gesto, uma dança, uma encenação, seja ela artística ou não. Nas feiras livres, por exemplo, as performances estão presentes, nas quadrilhas juninas, e neste caso, na Marcha das Margaridas. A performance das falas, das poesias, das cantorias, o que aumenta o efeito de persuasão da Marcha, mediante assertivas de (CAMARGO, 2011), quando indica que:

A performance da fala carrega a perspectiva de uma interpretação. A presença da comunicação oral, a capacidade de convencimento é maior, a possibilidade de constituição da veracidade é mais crível, sobretudo quando da utilização de recursos performáticos. (CAMARGO, 2011, p. 13-14)

Sendo assim, as performances folkcomunicaçãois, no sentido dado por (SINGER, 1972), vem enfatizar a questão da manifestação e dos vínculos ali desenvolvidos, produzindo significados.

A mística, entendida como a própria experiência, a expressão simbólica da/na luta, emoção e sentimento, é também as representações que abrem ou fecham encontros, eventos, reuniões e as próprias marchas (MEZADRI et al, 2020b). Geralmente esses atos reúnem vários desses elementos e seu objetivo gira em torno de manter aceso o “Participando e sem medo de ser mulher”, como entoa uma canção de Zé Pinto (s/d), essas mulheres em respeito às que as antecederam, potencializam suas experiências históricas e resistindo fazem ecoar suas vozes desde grandes lonjuras, pois habitam os diferentes recantos do país. “A partir de suas múltiplas identidades, não se conformam com o destino ‘injusto e amargo’ reservado a elas no patriarcado” (SILIPRANDI, 2015, p. 338).

Nesse sentido, marchar, um caminhar intencionado, um ritmo imposto na marcha, nada desprezioso, é estar no mundo enquanto fonte de ação, um corpo no mundo dizendo a que veio. Corpos de mulheres atravessadas por marcadores sociais os mais diversos, pelas marcas do sol, corpos sofridos em vista do (ainda) pouco acesso a lazer, saúde e boas condições de trabalho, corpos historicamente privados do acesso. De forma específica as mulheres (LEMOS, 2023), são “corpos desfavorecidos”, no sentido de que suas imputações patológicas estão condicionadas à situação das mulheres, uma situação de opressão e de expropriação histórica e social.

Como nos traz (MOTA, 2006), é comum na liturgia da Marcha, o uso de poesias em reuniões preparatórias, encontros, elementos icônicos, tido como (BELTRÃO, 2004) instrumentos de noticiar um milagre, um acontecimento, como é o caso, das enxadas e do chapéu de palha, além disso, estudos bíblicos e análise de conjuntura, iniciando ou finalizando as atividades; muitas dessas poesias e literatura de cordéis relatam a dicotomia

sofrimento/libertação, exaltando os encontros, a força, a espiritualidade e a coragem das participantes.

A Marcha das Margaridas é um grande encontro de mulheres diferentes com uma fé inabalável num Deus que pode mudar o rumo das nossas histórias. (mulher católica romana – 50 anos)

O reverberar massivo da Marcha das Margaridas em jornada sacrificial rumo a Esplanada dos Ministérios, lideradas folkcomunicaçãoalmente pelas mulheres líderes das organizações parceiras e movimentos sociais, como elucida a etnografia de (CHAVES, 2000), a um processo de sacralização, porquanto “apenas dessa forma ela poderia tornar-se fonte potencial de subversão consentida da norma” (CHAVES, 2000, p. 204). Em consonância com (SOLNIT, 2016), as marchas públicas misturam a linguagem da peregrinação, na qual se caminha para demonstrar devoção, no qual se demonstra a força de um grupo e a própria persistência andando-se o tempo todo, e com a festa, na qual as fronteiras entre desconhecidos desaparecem.

**Figura 4: Mulheres religiosas na Marcha das Margaridas 2023**



Fonte: Arquivo da EIG – EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Fica evidente que o caráter de mescla entre folkcomunicação e espiritualidade como característica do Movimento das Marchas das Margaridas enquanto ator social. As romarias

marchando em direção aos espaços sagrados “converteram-se em marchas rumo aos centros de poder político, reivindicando direitos que cumpre ao Estado fazer valer” (CHAVES, 2000, p. 22). Pode-se verificar no relato abaixo de uma mulher evangélica, da associação Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG):

“Somos membro do Conselho Nacional da Mulher, estamos presentes no monitoramento das políticas públicas para Mulheres, participei de muitos momentos de espiritualidade, orações, cânticos do cancionário cristão. É uma celebração da vida e um momento de fortalecimento. Tudo junto e misturado. É mágico, fiquei arrepiada em vários momentos da Marcha. Senti a presença de Deus nesse lugar”. (Mulher evangélica – 57 anos )

**Figura 5: Mulher evangélica na Marcha das Margaridas (MM)**



Fonte: Acervo da autora

Nesse sentido, (NOVAES, 1997) explicou que, as tradições religiosas populares são ressignificadas na Marcha das Margaridas ao passo que adquiriram características próprias, como foi/é o caso da realização das Romarias da Terra, rituais político-religiosos cuja origem se deu a partir das Comunidades Eclesiais de Base na década de 1980.

Pela dimensão e exigência de profundidade no material coletado para essa pesquisa, ela sugere outras dimensões de publicações. As dimensões de cada observação e registro vão além do que esse texto pode traduzir.

**Figura 6: Imagem da Marcha das Margaridas 2023**



Fonte: [Marcha das Margaridas leva 100 mil mulheres do campo a Brasília - LAGOA NOVA VERDADE](#)

## Considerações finais

A pesquisa que resultou nesse texto fez relações da sétima edição da Marcha das Margaridas, em 2023, como evento folkcomunicação religioso, cultural e repleto de possibilidades de promoção de gênero.

A experiência da Marcha das Margaridas demonstrou que, na complexidade da sociedade globalizada, onde estão inseridos os contextos populares locais, é oportuna a espiritualidade e a capacidade cultural dos grupos de mulheres. O financiamento da Marcha, o apoio do poder público, as parcerias público-privadas ficaram aparentes e tais constatações indicam que o movimento social e religioso pode ser indicado como atividade folkcomunicação.

Constatamos ainda que, a partir dos objetivos propostos, a pesquisa verificou que as performances folkcomunicaçãois na Marcha das Margarida faz parte de uma atmosfera de

espiritualidade e vivência religiosa baseada na tolerância, no respeito e no diálogo entre as religiões. Deixando evidente que o objeto de estudo apresenta inúmeras possibilidades para futuras pesquisas dentro da Folkcomunicação e os movimentos sociais.

Com base nos resultados, foi possível perceber também que a realização deste trabalho contribuiu sobremaneira para a ressignificação do olhar das mulheres agricultoras no que se refere à abordagem religiosa e de defesa de direitos, fomentando assim novas reflexões, ocasionando construções de políticas públicas para as mulheres brasileiras, com a prática mística e resiliente no movimento social da Marcha das Margaridas. Observamos, a necessidade de maior valorização esta Marcha com potencialidade de divulgar o empoderamento feminino e as políticas públicas para mulheres no Brasil.

Finalmente, apesar de todas as agruras presentes no contexto popular, a Marcha das Margaridas resiste ao tempo, aos retrocessos nas políticas para mulheres, ao sistema machista e patriarcal, visando e exigindo respostas urgentes para as causas feministas, na força e na ancestralidade de uma vida, uma vida Margarida.

## Referências

AGUIAR, Vilênia Venâncio P. **Somos Todas Margaridas: Um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

AVELINO, Denilson Pereira. A folkcomunicação religiosa na Procissão de Bom Jesus dos Passos, em Picos – PI. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 5, n. 9, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18690>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BARBOSA, Sebastião. **A mão armada do latifúndio-Margarida: quantos ainda morrerão?: romance reportagem**. Editora: A união, João Pessoa, 1984.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

CAMARGO, Robson Correa. **Performances Culturais**. São Paulo: Hucitec, 2011.

CHAVES, Christine de Alencar. **A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; UFRJ, 2000.

CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é Folkcomunicação**. São Bernardo do Campo: Sítio da Universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Endereço eletrônico: [www.metodista.br/midiacidada](http://www.metodista.br/midiacidada). Acessado em 1 de novembro de 2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Via Campesina. In: CALDART, Roseli Salette [et al]. **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. (p. 765-768).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAVILLE, Jean. **Les raisons d' être des associations In Caillé et all Association, Democratie et Société Civile**. Paris: La Decouverte/MAUSS/CRIDA, 2001.

LEMOS, Fernanda. **10 lições sobre Beauvoir**. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2023. Martins, Paulo Henrique. Ação Pública local e desafios de uma cidadania solidária. **Cadernos Feministas de Economia & Política**, Casa da Mulher do Nordeste, n.5, 2009.

MEZADRI, Adriana [et al] (Orgs.). **A mística feminista camponesa e popular no MMC.** Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Outras Expressões/Expressão Popular, 2020b. (p. 171-189).

MOTTA, Alda Britto da. Teoria de Gerações na perspectiva de gênero. In: CRUZ, Maria Helena Santana; ALVES, Amy Adelina (Orgs.). **Feminismo, Desenvolvimento e Direitos Humanos.** Aracaju: REDOR; NEPIMG; UFS; FAP-SE, 2004. (p. 01-20).

NOVAES, Regina Reyes. **De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo.** Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

PIMENTA, Sara Deolinda Cardoso. **Participação, poder e democracia: mulheres trabalhadoras no sindicalismo rural.** In: Machado, Marcela do Amaral P. [et al] (Orgs.). Políticas públicas e formas societárias de participação. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2013. (p. 155-185).

ROCHA, Guilherme Salgado Rocha. **Margarida Alves.** Editora Salesiana Dom Bosco. São Paulo, 1996.

ROMÃO, Ana Paula de Souza Ferreira. **Margarida, Margaridas. (Memória de Margarida 1933 - 1983) através das práticas educativas das Margaridas.** Editora UFPB.

SANTOS, Juana Elbin dos. **Os nagô e a morte: Padê Asese e o culto Égun na Bahia.** Editora Vozes. Petropolis, 2002.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

SILVA, Maria Claudia Ferreira da. **Marcha das Margaridas.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SILVA, William Santos. **Fragments da geografia agrária paraibana: assentamento Maria Menina como território de identidade e de esperança – Alagoa Grande-PB.** TCC – Guarabira: UEPB, 2011.

SCHMIDT, Cristina (org). **Folkcomunicação na Arena Global: Avanços Teóricos e Metodológicos.** São Paulo (SP): Ductor, 2006.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **“Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas”:** experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas”, 2022. tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, UFBA.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUZA, Giselle Gomes da Silva Prazeres; ANDRADE, Ítalo Rômany de Carvalho; LUCENA FILHO, Severino Alves de; MAUX, Suelly. Anarriê, Alavantu: Performances Folkcomunicacionais

promotoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição – Recife, PE. **Revista Internacional da Folkcomunicação (RIF)**. Ponta Grossa: Vol. 15, n.34, Janeiro/Junho 2017.

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Inclusão digital, inclusão social?** Recife: UFRPE, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.